



Universidade Federal do Pará
Faculdade de Ciências Biológicas
Licenciatura em Ciências Biológicas

Reflexões sobre as práticas sociopolíticas observadas em estágios supervisionados: relações de dinâmica na sala, manejo e controle de turma.

Bragança, PA, Julho de 2022

TOMÁS JOSÉ CABRAL FERREIRA

Reflexões sobre as práticas sociopolíticas observadas em estágios supervisionados: relações de dinâmica na sala, manejo e controle de turma.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Biologia como requisito para conclusão de grau de Licenciatura em Biologia, orientado pelo Prof. Dr. Lucinaldo Blandtt.

Bragança, PA, Julho de 2022

TOMÁS JOSÉ CABRAL FERREIRA

Reflexões sobre as práticas sociopolíticas observadas em estágios supervisionados: relações de dinâmica na sala, manejo e controle de turma.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de licenciatura plena em biologia como requisito para conclusão de grau de licenciatura em Biologia, orientado pelo Prof. Dr. Lucinaldo Blandtt.

Avaliado por:

Prof. Dr. Lucinaldo Blandtt (orientador)

Profa Dra. Lilliane Miranda Freitas (avaliadora)

Data: 25 /07 /2022

BRAGANÇA, PA
Julho de 2022

RESUMO

Durante o estágio supervisionado, o discente tem a oportunidade de ser inserido em diversos contextos educacionais da realidade próxima “É nesta etapa que o acadêmico tem a oportunidade de ver aliadas a teoria e a prática”. Desse modo, busca-se neste trabalho uma visão que trabalhe à certa dos fatores e produtos da relação observada entre professores e alunos, como as expectativas, os atos didáticos e avaliativos e discutir como esses quesitos podem influenciar na permanência escolar dos alunos. Este estudo terá como objetivo discutir questões à certa dos fatores e produtos da relação observada entre professores e alunos, como as expectativas, os atos didáticos e avaliativos e buscar compreender se essa relação pode prejudicar a permanência dos alunos. Será do tipo descritivo, terá abordagem etnográfica e será efetuado por meio de uma pesquisa integrativa de literatura, com base nos dados obtidos na pesquisa de campo, que foram os estágios.

Palavras-chave: Autoridade. Autoritarismo. Didática, Relação.

ABSTRACT

During the supervised internship, the student has the opportunity to be inserted in different educational contexts of the near reality “It is at this stage that the academic has the opportunity to see theory and practice allied”. In this way, this work seeks a vision that works with the factors and products of the observed relationship between teachers and students, such as expectations, didactic and evaluative acts, and to discuss how these questions can influence the students' permanence in school. This study will aim to discuss questions about the factors and products of the observed relationship between teachers and students, such as expectations, didactic and evaluative acts, and seek to understand whether this relationship can harm the permanence of students. It will be of a descriptive type, will have an ethnographic approach and will be carried out through an integrative literature search, based on the data obtained in the field research, which were the internships.

Keywords: Authority. Authoritarianism. Didactics, Relationship

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a tudo e todos que de alguma forma contribuíram para este trabalho de conclusão do curso.

Primeiramente aos meus pais Graça e José Maria, além de irmão e irmãs, que acreditaram e de tudo fizeram para que eu pudesse seguir, são os grandes responsáveis por eu estar concluindo mais uma etapa.

Ao professor Lucinaldo Blandtt, que me orientou com o trabalho e a temática. Sou grato por todos os ensinamentos e compreensão, além da paciência durante esse tempo. Assim como os demais professores e funcionários do Campus de Bragança e do Instituto de Estudos Costeiros - IECOS e, em especial, dos estágios, me proporcionaram inúmeros aprendizados e experiências, fizeram-me apaixonar ainda mais pela Biologia.

Pelas amizades feitas nas escolas, e lugares da maravilhosa Bragança.

Por fim e não menos importante, ao meu filho Tales Noah, por me fazer olhar pra tudo com coragem e otimismo, e seguir em frente.

Obrigado a todas e todos!

SUMÁRIO

1	Introdução e Justificativa	07
2	Metodologia	10
3	Resultados	11
4	Análise e Discussão dos Resultados	18
5	Considerações Finais	21
6	Referências	21

1 – INTRODUÇÃO e JUSTIFICATIVA

Na formação dos acadêmicos em licenciatura, diversas disciplinas e atividades pretendem desenvolver nos habilitando uma reflexão para o cenário político educacional em que a educação brasileira se constitui. Considerando tanto os aspectos históricos contidos na relação como questões atuais onde se apresentam algumas dificuldades de interação.

Essas abordagens se fazem necessárias considerando que na escola, “o ato de educar está envolvido numa trama complexa de relações que entrelaçam subjetividades, poderes, intencionalidades, histórias de vidas, cotidianos, emoções, racionalidades, corpos e mais uma série de interações invisíveis e imperceptíveis” (RODRIGUES,2016).

Diante de tal complexidade social envolvida no contexto educativo, permite-se nas disciplinas de estagio supervisionado, fazer com que os discentes universitários de licenciatura aliem os conhecimentos específicos da sua área à pratica de sua docência, permitindo ao aluno a observação à cerca do contexto em que professor e aluno estão situados, por meio da experiência em acompanhar um professor tutor, e de suas práticas no seu ambiente escolar. Segundo Pimenta & Lima (2006), “Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas.”

Deste modo, é propiciado ao discente o contato com diferentes escolas onde cada um poderá buscar o que esteja dentro de suas expectativas de trabalho, podendo, também, propiciar um momento de contato com os diferentes contextos sociopolíticos existentes nos diversos ambientes escolares de uma cidade. Segundo Corte & Lemke (2015) “É nesta etapa que o acadêmico tem a oportunidade de ver aliadas a teoria e a prática, possibilitando-o estabelecer articulações entre estas, construindo, assim, seus saberes docentes e sua formação profissional. Para tanto, é preciso que este acadêmico assuma um papel mais ativo em termos de formação e atuação profissional.”. Corte & Lemke (2015), ainda afirmam que o momento do estágio supervisionado” permite ao futuro profissional docente conhecer, analisar e refletir sobre seu ambiente de trabalho.”

Possibilitando-se investigar dentro das atividades de estagio torna-se fundamental salientar o que diz respeito à sociopolítica, que seria todo fator que envolve o ato e as nuances por onde a educação se desenvolve, desde as ideologias de desenvolvimento

prometidas em campanhas políticas, até o ato de trabalhar conteúdo e questões sociais e de cidadania pelo professor, assim como pela família dos educandos. Um todo que está envolto em questões predispostas onde muitas vezes não são nem percebidas, mas que se propagam, através da formação do estudante, para a vida social.

Para tais possibilidades é importante fazer valer-se do estágio não apenas como uma prática assimilativa-reprodutiva, mas sim que se possibilita investigar as diferentes relações que existem no âmbito do ensino aprendizagem, dessa forma “o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa” (PIMENTA & LIMA, 2006). Passaremos, então, a ter um enfoque nas questões que se envolvem na relação professor-aluno, uma vez que será a que o discente presenciará por mais tempo.

Percebe-se que ao analisar as relações existentes entre os professores e alunos, existem algumas crises quanto à disciplina. Idealizada pelos professores nos alunos, onde, na maioria das vezes busca-se culpados externos à relação, no sentido de o professor ausentar-se da responsabilidade de possibilitar práticas que desenvolvam a disciplina nos alunos. Da mesma forma é frustrada a expectativa por parte dos alunos em esperar dos professores conteúdos ministrados de forma interessante, e nisso se configura uma relação que fica conturbada, levada ao descaso e/ou até abusiva por ambas as partes.

A disciplina comportamental é o que a maioria dos professores esperam nos alunos, e, seu ponto de vista mais comum está estreitamente relacionada à conduta de estar concentrado, “prestando atenção” nas informações apresentadas, onde o ideal é que o aluno não se distraia ou se disperse, de forma a tornar a emissão de informação uma ação de transmissão e recapitulação de informação. Nardin & Sordi (2008), descrevem este tipo de disciplina como uma ferramenta à função de memorização, tida por muitos professores como o mais importante na aprendizagem, para eles, o ato de responder somente aquilo que foi apresentado, da maneira que foi pedida, e não dar viés para interpretações e ações diferente ao que está sendo repassado é o que deixa os professores com uma sensação de satisfação. Nardin & Sordi (2008), também mostram que, durante a distração, o aluno pode relembrar experiências relacionadas ao conteúdo trazendo uma potencial reflexão para o novo aprendizado adquirido, tornando-o significativo.

Para que haja disciplina dentro do processo ensino aprendizado, é necessário olhar com criticidade para práticas didáticas dos professores, uma vez que são o ato com o qual o educador busca alcançar sua intenção para com a educação. Dessa forma espera-se que

o professor tenha uma proposta para o ato de ensinar de acordo com o que ele espera de si como um sujeito com papel educador, respeitando e incluindo os na diversidade de conhecimentos que o aluno traz consigo.

Porém o grande cenário educacional se encontra muito fortemente, ainda, relacionado à práticas didáticas que não buscam contextualizar o currículo à vida cotidiana dos alunos, e tem-se nisso uma perpetuação dos problemas já mencionados acima. Dentro das escolas o legado da tendência tradicional é muito forte, ainda prevalecendo na forma de organização de professores e currículos com a prática, mantendo o papel de centro da informação no professor e o tornando o grande difusor do conhecimento. Segunda tal proposta ele traria as soluções que pudessem equilibrar os problemas de marginalidade social. (SAVIANI, 2012)

Mesmo que seja percebido a importância de abordar a visão da pedagogia crítica, uma vez que muito se tem trabalhado sobre a contextualização de ensino e a valorização da diversidade no ambiente educacional, ainda há uma enorme dificuldade em superar as barreiras criadas pela forma tradicional de administrar os conhecimentos.

Para tanto, se faz necessário perceber que as escolas são ocupadas por uma diversidade de pessoas inimaginável há tempos atrás, o que significa rever a necessidade de adequar-se às diferentes realidades trazidas para o ambiente escolar, e assim superar os preconceitos existentes nesse âmbito, visando ressaltar o verdadeiro papel das etnias, do gênero e de povos que contribuíram para a construção do nosso país e dar condições aos sujeitos em formação de compreenderem as inter-relações existentes entre os preconceitos, falsas expectativas e condições infra-humanas de vida das populações marginalizadas e estruturas políticas, econômicas e culturais dessa sociedade.

Para lidar com tamanha diversidade de pessoas, e, portanto, de realidades, cabe ao professor, com o uso da autoridade que lhe é atribuída, facilitar aos alunos meios de interagir a realidade com os conhecimentos oferecidos na escola. Nesse momento, como analisou Carlos (2014), muitos professores perdem o controle dessa balança e passam a fazer uso de autoritarismo, impondo ordem ou atribuindo punições e castigos, abrindo mão de uma autoridade conquistada com base em uma relação de construção mútua através do diálogo, ou distanciando-a.

No momento em que se abre mão da conversa em sala, para a manutenção de ‘uma ordem, fica um clima hostil, podendo perder a contribuição da diversidade dos

conhecimentos, fazendo com que os alunos se reprimam ou deixem de querer contribuir com qualquer informação para a aula.

Esta pesquisa teve por objetivo tratar sobre o relacionamento professor/aluno, com questões envolvidas às práticas didáticas, disciplina, tratamento à linguagens, e relação de autoridade e autoritarismo dentro dos estágios desenvolvido nos espaços escolares de magistério no ensino de Ciências nas series finais do segmento Fundamental e Médio da educação básica.

2 - METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, teve-se como instrumento a observação e reflexão à cerca da relação professor-aluno presenciada nas aulas do mesmo e nas aulas ministradas pelo estagiário nos anos de 2018 e 2019. Partindo de um princípio de trabalho etnográfico onde o “ver, sentir, e fazer” são considerados como fundamentais para a compreensão e mudança da realidade, como bem é proporcionado pelo estagio. Foi também usado notas de campo e gravações usadas durante os estágios. A pesquisa etnografia permite que se compreenda 'de dentro' os processos educacionais, ao buscar explicar a realidade com base na percepção, atribuição de significado e opinião dos atores sociais envolvidos.

Para dar uma definição prévia, que nos permita caminhar pelas diferentes caracterizações dadas por diferentes autores e autoras do campo, pode-se pensar a etnografia de maneira mais generalista. Trata-se de uma forma de fazer pesquisa que exige o contato de um pesquisador com um grupo, instituição, comunidade ou sociedade. A partir desse contato, o etnógrafo descreve ou narra sua experiência para falar sobre a cultura que investigou, contrastando as práticas e os discursos dos sujeitos que observou com as teorias de sua própria sociedade.

Para Peirano (2014), muito mais que um método, essa forma de investigação passa por tarefas práticas e teóricas importantes. Estas questões essenciais da etnografia permitem contribuições importantes e impõem desafios específicos no campo da Educação – questões que são tema de nosso quinto tópico.

Analizou-se as práticas de três professores de Biologia e Ciências durante os estágios em três escolas públicas do município de Bragança-PA, nas etapas de ensino Fundamental e Médio e da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Para tanto,

acompanhou-se os professores em toda sua jornada escolar, incluindo momentos de organização pedagógica.

As etapas de ensino regulares (fundamental e médio) possuíam em média 30 alunos em sala, e a modalidade do EJA possuía apenas 15, matriculados, porém destes ne todos estavam sempre presentes.

Para a realização deste trabalho, teve-se como instrumento a observação e reflexão à cerca da relação professor-aluno presenciada nas aulas do mesmo e nas aulas ministradas pelo estagiário. Partindo de um princípio de trabalho etnográfico onde o “ver, sentir, e fazer” são considerados como fundamentais para a compreensão e mudança da realidade, como bem é proporcionado pelo estágio. Foi também usado notas de campo e gravações usadas durante os estágios.

3 - RESULTADOS:

Professor 1

O estágio com este(a) professor (a) se deu no ensino fundamental com uma turma de 7º ano onde participamos, eu e uma companheira de turma, das atividades e aulas no período do segundo semestre do ano de 2018, pelo turno da tarde, na escola municipal de ensino fundamental Rio Caeté, localizada no bairro do Alegre, em Bragança-PA.

A escola continha, principalmente, alunos dos bairros próximos, lugares considerados de maior vulnerabilidade socioeconômica, dessa forma, prevaleciam alunos com limitações tanto econômicas quanto de vivências sociais, sendo a escola um espaço de esperança e dificuldade para muitos.

Durante o estágio supervisionado III, observei que prevalecia de uma relação bastante engessada entre o (a) professor (a) e os alunos, de forma que em todas as aulas a entrada e saída do (a) professor (a) na sala estava direcionada apenas para a transmissão do conteúdo de forma rápida e direta, sem muito “contato com os alunos”.

Ele apresentava os conceitos e conteúdos no quadro de acordo com o material didático, e raramente buscou uma contextualização dos mesmos. O professor me relatou que, as aulas eram dadas da mesma forma como de costume há muito tempo, em relação à didática aplicada, mesmo que não tenha tido muito interesse por parte dos alunos ou participação destes. Características que me lavaram à defini-lo como um (a) professor (a) tradicional conteudista.

Segundo Souza (2002), flexibilização e adaptação curricular são possibilidades educacionais para dar suporte às dificuldades de aprendizagem. Pressupõe que se realize adaptação curricular, quando necessário, para torná-la apropriada às peculiaridades dos alunos com deficiência. Não é um novo currículo, mas sim um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos.

No decorrer do estágio, o tempo de permanência em cada turma era de 1 ou dois horários de 45 minutos, e o professor o usava pra passar ou rever o máximo de conteúdo possível, principalmente se em atraso. Pouco houve momentos, e na maioria das turmas não havia, em que professor e alunos dialogaram sobre questões à parte do conteúdo programado.

Observei que havia muitos alunos inquietos e indisciplinados, até mesmo nos primeiros dias, onde, mesmo acanhados com a presença dos estagiários, não deixaram de agir como habitual, segundo o professor, o que tornou difícil mantê-los em sincronia com os conteúdos abordados sem a flexibilidade da didática aplicada.

Havia alunos repetentes que estavam cursando pela quarta vez a mesma série, informação o que provocou desinteresse por parte do (a) professor (a), pois notei que o professor estava sem esperança que o aluno descrença em algumas situações em que o aluno participava das atividades e tampouco que progrediria de turma. E estava certo de tornar a mantê-lo na classe, pois dizia que o aluno não estava cumprindo com as obrigações apresentadas, mesmo quando este se mostrava interessado em tentar resolver as atividades.

Alunos faziam abordagens com o uso de linguagens informais, como gírias e outros linguajares, o que também não provocou atenção ou desdobraimento do (a) professor (a) em acompanhá-los e compreendê-los, onde vi, na verdade, um descaso pelo mesmo, tratando-o com irrelevância, e inclusive bloqueando a comunicação entre os mesmos. Certo desprezo pelo contexto sócio linguístico em que os alunos estavam inseridos. Muitas vezes, ao vê-los insatisfeitos e inquietos durante as aulas, optou ameaçar tirar pontos e/ou leva-los à direção para suspendê-los, mesmo que isso fosse menosprezado pelos alunos.

Houve situações difíceis de lidar, o que provavelmente reprimiu o (a) professor (a) dentro deste ambiente. Alunos que correram e se xingaram pelos corredores, bateram e pisaram nas portas ao entrar e sair da sala, se agrediram e se ameaçaram em situações de

desentendimento, presenciei um caso em que estouraram um isqueiro dentro da sala, além de piadas e xingamentos em relação ao (à) professor (a).

Por outro lado, ressalta-se que o (a) professor (a) ainda trabalhava em mais duas escolas durante a semana, e estas aulas se davam na segunda parte do período vespertino, onde se encontravam professor (a) e alunos cansados, estressados e com os demais problemas envolvidos com a jornada escolar, e para ambos os lados o que se presenciou foi uma indisposição para a relação. (Problemas gerados pela longa jornada de trabalho do professor)

Buscamos, eu e a outra estagiária, sempre conversar com os alunos durante as atividades do estágio, a fim de perceber o processo de aprendizagem dos mesmos, que era, inclusive, e principalmente, muito limitado à nível de leitura e escrita. Tais alunos tentavam perguntar algo, embaraçados, e buscamos compreendê-los para ajudá-los no desenvolvimento da dúvida, com assimilações dos termos e da dúvida em si, com isso se manteve o acompanhamento pelo restante da aula sem a necessidade de desviar a atenção para alguma brincadeira ou outro escape para a situação de constrangimento. (Dificuldades de leitura, assimilação de conceitos e contextualização do conhecimento)

Durante a única regência que ministramos no estágio, se pôde observar algumas coisas. A primeira é que o uso de recurso de mídia, como o Datashow, foi importante para direcionar um pouco mais o foco no conteúdo a ser trabalhado, o uso de imagens e esquemas pôde deixar os alunos muito mais atraídos e inteirados em relação ao conteúdo, pois trouxemos exemplos do conteúdo além dos que havia no livro. Dessa forma, houve uma maior participação da turma.

Foi realizada uma atividade de perguntas e respostas com o estímulo de recompensa, onde curiosidade e esforço dos alunos foram trabalhados, porém o (a) professor (a) estimou a atividade como: trabalhosa e inviável para se propor outras vezes durante as aulas, além de caracteriza-la como um mal hábito para a forma como os alunos deveriam buscar estudar. Apesar de ter estimulado em muito a participação e valorização das respostas orais dadas por estes, inclusive daqueles mais inibidos durante as aulas. Destacando a importância da valorização e respeito à subjetividade dos alunos negligenciados e impacto no processo ensino aprendizagem destes.

Professor 2

O estágio IV, com este(a) professor (a), se deu no ensino médio com uma turma de terceiro ano, no período do primeiro semestre do ano de 2019, pelo turno da tarde, na escola municipal de ensino fundamental e médio Padre Luiz Gonzaga, localizada no bairro do padre Luiz, Bragança-PA. O corpo pedagógico e demais profissionais da escola, que nos ajudaram nessa realização, se mostraram bastante dedicados e atentos ao desenvolvimento das atividades letivas, desde a portaria que realizou parte do controle da evasão com gentileza e alegria, até à coordenação pedagógica que se mostrou dedicada a aprimorar e incentivar métodos e formação dos docentes além de manter a disciplina e cooperação dos alunos fora e dentro de sala.

O (a) professor (a) B ressaltou, desde o começo, a importância do estágio para ambos os lados, estagiário e professor (a), onde ele ressaltou que a relação contribuía na sua formação contínua e sua experiência na formação dos estagiários. Era um (a) professor (a) que gostava de nos deixar à par do que acontecia na escola e na sala, pediu, por vezes, um feedback sobre as suas práticas, as quais descreve-se a seguir. Importante ressaltar que este também possuía vínculo com outra escola e ainda com um hospital, o que lhe resultava em um aspecto cansado por vezes.

Tal professor (a) também pode ser caracterizado por tradicional conteudista, pois na grande maioria das vezes também esteve tentando passar o conteúdo com maior rapidez e de forma mais direta possível, por conta, principalmente, de que os alunos estavam se preparando para a grande quantidade de conteúdos exigidos no Enem. Porém este trabalhava de forma um pouco mais descontraída, o que lhe garantia certa empatia da maioria dos alunos.

Estávamos em uma turma bastante participativa com alunos muito disciplinados e respeitosos, mas também, como na maioria das turmas, com alunos que não conseguiam se manter quietos dentro de sala, e ou ficavam conversando ou distraído. E o que aconteceu era quando esses alunos, mais dispersos, tinham dúvidas, estas eram irrelevantes em relação às dúvidas dos ditos estudiosos, os quais eram tratados de forma prioritária. Observou-se que o (a) professor (a) usou de muitas brincadeiras e/ou sarcasmo para deixar a dúvida destes de lado, uma forma um tanto pessoal de retribuir o desvio de atenção causado por eles durante a aula.

O(a) professor(a) deixou por opção dos alunos a permanência na aula, e a qualquer sinal de desinteresse dos mesmos, optou por manda-los para a direção. Por vezes tal atitude pareceu ser mais um descaso recíproco com os alunos que não se viam participativos naquela forma de aula.

Durante a segunda semana de estágio, participamos da jornada pedagógica da escola, durante isso, o corpo pedagógico buscou trabalhar as novas tendências educacionais, de forma a integralizar as áreas das disciplinas e as formas didáticas que melhor pudessem colaborar nisso.

Com isso, o(a) professor (a) orientador do estágio se mostrou reflexivo quanto as práticas, e se dispôs a aprender e buscar mudança de suas práticas, onde tentou observar os alunos e seus processos de ensino aprendizagem por outra perspectiva, excitando um otimismo nos estagiários e nos(as) demais professores(as), ao se perceber o seu querer em melhorar seus métodos mesmo depois de anos de experiência na prática docente, onde reconheceu que teve um tipo de formação, e destinou suas práticas de forma tradicional quase sempre, percebendo também o quanto o excesso de horas de trabalho e curtos prazos para trabalhar os conteúdos influenciavam nisso.

Percebeu-se que durante as duas regências que realizamos, houve a participação de alguns alunos que por vezes mostraram-se desinteressados nas aulas, assim como de outros. Porém estes, primeiros, que eram marginalizados pelos demais e até mesmo pelo (a) professor (a) foi o que nos alegrou mais. Foi feito o uso de linguagens e de realidades onde se buscou familiarizar, e possivelmente tornou as coisas mais tangíveis para os mesmos, ainda mais sendo assuntos ligados à genética. Provavelmente a linguagem, principalmente, tenha despertado tal interesse.

Entende-se que um dos papéis do (a) professor (a) seja de apresentar o uso formal da língua, porém o (a) professor (a) não é mais que uma ferramenta educacional para que os alunos busquem isso por si mesmo, e precisa-se de fato abranger todas as linguagens possíveis que por muito se diversificam em uma mesma sala, sem distinção, desprezo ou segregação. Por vezes esses alunos eram inibidos antes mesmo de terminarem de se expressar, por serem subjugados pela linguagem que provavelmente vem de seu contexto social. Ora, qual seria o papel da educação se não universalizar o saber? Quanto mais alguém se atém somente ao uso culto, mais aumenta esse muro com a sociedade que

multiplica ferozmente o descaso às culturas marginalizadas por conta de muitas questões político-sociais com as quais a educação luta contra.

Professor 3

Este (a) professor (a) nos possibilitou o contato com duas turmas de EJA (EJA1 e EJA2) e duas turmas de ensino fundamental (8º e 9º ano), em uma escola estadual de Bragança, E.E.E.F.M. Professor Bolívar Bordallo, durante o período de 16/09 até 02/12 de 2019, pelas manhãs, às segundas-feiras. A escola possuía uma infraestrutura básica que possibilitou o desenvolvimento de várias atividades dentro de sala, por serem amplas e ventiladas. Recebe alunos de vários lugares, inclusive interiores da cidade, por ser uma das escolas mais procuradas, desta forma, muitas realidades distintas se cruzam.

Como os estágios ocorreram em duas modalidades fundamental e EJA, será descrito separadamente, comparando as atitudes do (a) professor (a) quando necessário.

Durante as manhãs a relação foi com os alunos do fundamental, e durante esse período o (a) professor (a) mostrou uma didática diferente. Mesmo que utilizasse muito a forma tradicional na maioria das aulas, buscou, sempre que possível, propor alguma dinâmica que pudesse trabalhar o assunto de forma diferente.

Logo no primeiro dia, presenciamos uma apresentação de paródias referente ao conteúdo de vitaminas e minerais trabalhados junto com a alimentação. Era uma forma de tornar mais familiar o assunto através de músicas que pudessem agregar alguma sensação afetiva em relação ao conteúdo. Houve também exemplos práticos durante uma aula sobre sistema cardiovascular, onde se solicitou a contribuição de um dos alunos mais agitados em sala, o que fez com que o mesmo ficasse mais concentrado e empolgado com o assunto.

A forma como o (a) professor (a) gerenciou a turma, porém, foi bastante autoritária, tendo tempo definido, regra, e inflexibilidade para qualquer falta de planejamento ou dificuldade no desenvolvimento por parte dos alunos, assim como a avaliação oral foi feita de forma bem dura, onde se permitiu marcar os alunos de maneira negativa, creio eu. Mesmo que a intenção do professor fosse trabalhar a disciplina extrema dos alunos, não vi um progressividade nessa didática, é como se estivesse comparando o momento de formação dos alunos com a concepção de universitários, uma vez que este(a) professor(a) estava presente também na universidade para sua formação continuada.

Além disso, o (a) professor (a) recorreu várias vezes à ameaças de retirar os alunos de sala e/ou manda-los à direção, assim como deixá-los sem nota, ou retirar pontos por qualquer mal comportamento, por vezes, avisando-os de antemão. O que refletiu numa mudança de comportamento dos mesmos na presença/ausência do (a) professor (a), observado nos momentos em o mesmo (a) saiu de sala para resolver outras questões na escola, onde os alunos (as) o definiram como “arrogante, impaciente...”

Havia alunos bem agitado, como já dito, e outros com dificuldades de atenção, e muitos que se mantinham em conversas paralelas, e para todas as regras eram as mesmas, muitas vezes alertados com uma linguagem intimidadora. Tais exigências não eram dadas como recompensadas pelos alunos, pois quando se dedicaram ao que era proposto, nem sempre se sentiram satisfeitos ou reconhecidos pelos bons resultados.

Muitos alunos reclamaram de não ter a resolução do trabalho lida com o mínimo de atenção e merecimento pelo empenho em fazê-la, alegando que não haviam copiado o mesmo do livro, e isso refletia na grande falta de trabalhos entregues por conta de muitos também empregarem descaso para as atividades propostas.

Porém, houve relações harmônicas entre o (a) professor (a) e alguns alunos, mesmo dentro de sala, e principalmente em outras práticas que aconteceram durante o contra turno, no laboratório de ciências da escola, onde alunos participaram de forma voluntária de atividades sobre compostagem, plantios, produção de insumos naturais, além de atividades sobre experiências de física, o que pareceu mais uma relação de cooperação e não só de deposição de conteúdo segundo a perspectiva do (a) professor (a), ate mesmo porque alguns desses alunos traziam experiências sobre plantios de casa.

É um(a) professor(a) que busca desenvolver, por conta da proposta do ensino integral, e por conta de uma demanda pessoal para produção midiática (blogs, websites, redes sociais) conteúdos de biologia e projetos que possa estar sempre compartilhando em diversos meios como congressos, encontros de educação, além dos meios já citados. Pareceu fazê-lo com mais entusiasmo do que as regências em sala.

Por outro lado, com as turmas do EJA, o (a) professor (a) adotou uma relação diferente, por ser uma situação distinta, onde entendeu que muitos estavam ali com uma rotina sobrecarregada por trabalhos, filhos, haviam ex presidiários e outras situações que fazem com que suas permanências na escola e a realização das atividades tenham sido dificultadas. Desta forma, o (a) professor (a) se mostrou mais flexível quando à entrega

dos trabalhos. Mas, pouco propôs formas alternativas de avaliação (inflexibilidade na avaliação). O que aconteceu foi uma flexibilização no tempo de entrega sem descontar pontos por isso (na maioria das vezes), onde, esperou que os alunos realizassem o mínimo de atividades necessário para que conseguissem nota para passar.

Por ter sido uma turma com alunos mais velhos, a relação de controle de classe ficou um pouco mais fácil, mesmo havendo alunos que tendem a criar uma desordem, onde o (a) professor (a) buscou usar palavras menos ofensivas, mas deixou claro que prezava pela ordem e disciplina em sala. Talvez, por ter tido alunos que potencialmente se tornariam ameaçadores caso essa relação ficasse um tanto quanto tensa. Onde se poderia se tornar um ambiente perigoso para trabalho.

Não se ouviu falar em direção, coordenação, ou descontar pontos. Ali buscou-se trabalhar em cima dos compromissos feitos pelos alunos, uma vez que eram alunos adultos que optaram em estar ali, independente da perspectiva que tenha com a educação (socializar, capacitar, melhor salario, ...).

4 - ANALISE E DISCUSSAO DOS RESULTADOS

Percebi que os (as) professores (as) **1, 2 e 3** fizeram uso, em diferentes escalas, do autoritarismo dentro de sala, muitas vezes impondo regras comportamentais, e punindo os alunos com retirada de nota, expulsão da sala, caso desobedecessem tais regras. Onde se pôde perceber que tais atitudes eram mais direcionadas para alguns alunos.

Se fez recorrente também a necessidade de ameaçar leva-los à maiores níveis hierárquicos de autoridade como a coordenação ou direção, uma vez que as palavras de ordem nem sempre surtiram efeito.

Houve também casos de menosprezo e ofensas por parte do (a) professor (a) o que inibia comportamentos e falas que potencialmente contribuiriam com as aulas

A educação, dentro do processo ensino-aprendizagem, deve ser ferramenta com o objetivo de, criticamente, usar o conteúdo que necessitasse ensinar. Com uma relação dialógica e reciprocamente valorizada, professor e aluno tendem a alcançar com mais eficiência tal objetivo. Visto que dessa forma o professor conhece mais sobre as particularidades dos alunos onde pode pensar uma flexibilização para seus conhecimentos, e os alunos torna mais valorosa as informações e ensinamentos passados pelo professor.

Consequentemente buscaram-se soluções para sanar as problematizações criadas por conta do excesso de burocratização do ensino. Tendo em vista que a avaliação é um processor individual, não se deve deixar de lado a particularidade que cada um traz consigo, deste modo englobar todas as possibilidades de participação e contribuição do aluno para uma possível análise de desenvolvimento positivo, deixando de lado a prioridade por obter-se notas absolutas unicamente através de exercícios e provas objetivas e escritas para sanar necessidades criadas para preencher processos institucionais que não necessariamente criam indicadores positivos quanto ao aprendizado com criticidade e significância para os agentes em formação.

Faz-se necessário então conhecer, para se relacionar. O ato de tratar diferente um determinado tipo de linguagem, onde se denota um preconceito, não contribui para a expansão do conhecimento. Pelo contrário, observou-se que essa forma de reprimir a linguagem tratando-a como errada, inibe a participação e colaboração dos alunos que à trazem consigo. Desconsiderando o contexto ao quais estes adquirem tal linguagem, com isso segrega-se intencionalmente ou não, os sujeitos presentes no ambiente, condição que não tem caráter de contribuição para o processo de ensino-aprendizagem.

Não tem diferença, para um professor de biologia, ouvir, em uma dúvida, o termo “negócio” ou “coisa”, se o aluno estiver curioso e atento sobre sua funcionalidade, em uma aula sobre alelos, por exemplo. Decorar termos, assim como qualquer pratica de memorização, necessita pratica, repetições, e, tendo suas funções bem entendidas, o processo de memorização e distinção fica mais fácil pois muitas dessas palavras pode-se compreender por sua epistemologia..

Dessa forma, busco na reflexão de uma famosa frase de Paulo freire (“a educação não muda o mundo, a educação muda às pessoas e as pessoas mudam o mundo”) uma postura de mudança quanto à exigência pelo uso culto nas linguagens e expressões dos alunos. Uma vez que o que tornará sua dialética importante é a criticidade com que trabalhará os conhecimentos adquiridos e não somente a formalidade com que irá (ou não)os expressa-los, dessa forma evita-se a cegueira causada pelo preconceito e normatização.

O objetivo de justificar necessário acolher as diferentes linguagens existentes nas escolas, é o de valorizar as formações sociolinguísticas que os alunos trazem consigo por conta de seus contextos, para que o conhecimento possa retornar para os mesmos, dessa

forma se faz necessário também trabalhar, na biologia, por exemplo, de forma interdisciplinar com o português, a fim de mostrar-lhes que não necessitam temer se expressar da forma que se sentem bem, mas também conhecer as possibilidades cultas sem que essas sejam impostas ou preferíveis.

O uso de autoritarismo como forma de impor a “disciplina” que convém ao professor, gera em si outras problemáticas que podem tornar o processo ensino aprendizagem ainda mais difícil para o mesmo. Logo buscar estratégias mais atrativas, e possibilitar a interação entre os alunos, promovendo sua construção coletiva e enriquecida, pode ser uma solução mais viável às relações desgastantes contidas no ato autoritário. O professor passa a ser então, não somente um transmissor e detentor do processo, mas sim um conselheiro, e os alunos poderão vê-lo de forma diferente a partir de então. Nesse processo se faz necessário uma disposição diferente do profissional e uma reflexão crítica sobre seu ato de ensinar.

As práticas didáticas necessitam de muita atenção. Por muito tempo, por comodismo, convenção, e pela história da educação brasileira, se tem as formas tradicionais de professor muito mais presentes nas escolas, e com isso tem-se contribuído para uma acomodação das práticas didáticas presenciadas na mesma, e conseqüente padronização do que é “certo” e “errado” nos alunos, que seria o aceitável e o que se repreende. Dessa forma, busca-se um aluno que se acomode em seu canto e aceite e acerte tudo o que lhe é dito e pedido, e deixe todas suas particularidades de lado em busca da aceitação social já esperada para quem conclui qualquer nível de escolaridade. Porém tal cenário, ao longo do tempo, contribuiu para a formação de diversos profissionais que não conseguem desenvolver suas aptidões profissionais com a inclusão de questões sociais, econômicas e ambientais.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação, dentro do processo ensino-aprendizagem, deve ser usada, com o objetivo de, aplicar criticamente, ao mesmo tempo em que é trabalhado, o conteúdo que se tem que ensinar. Para isso, é necessária uma mudança de postura por parte dos professores, à forma unidirecional de se trabalhar os conteúdos, e partir, então para uma relação mais dialógica, reciprocamente valorizada. Assim, professor e aluno, tendem a alcançar com mais eficiência soluções para problemas de relacionamento entre estes,

assim, não necessitando apelar para atitudes de caráter opressor ou que reprimam a identidade dos alunos.

Se pode perceber que a falta de interesse do professor em fazer compreender-se as dúvidas dos alunos que faziam uso de linguagens marginalizadas, não apenas deixava de agregar algo tanto do conteúdo quanto na linguagem, mas também traduzia a atitude grosseira dos professores em desprezo por parte dos alunos.

Relação de autoridade e autoritarismo, por exemplo, dentro de sala. A forma de tratamento, com autoritarismo, dos professores em relação aos alunos, selecionados, mais marginalizados, reflete a forma com que o estado ainda lida com as mazelas marginalizadas, do mesmo modo, a solução dessa problemática são colocadas de forma administrativa, e/ou esquecidas.

6 - REFERÊNCIAS

CARLOS, Marcos Carvalho. **Os conceitos de autoridade e autoritarismo na relação professor-aluno.** In: XVII Congreso Internacional de Humanidades, *Palabra y Cultura en América latina: herencias y desafíos*, octubre, 2014, Santiago de Chile. **Memória e identidad en el contexto sociolingüístico y cultural latino-americano.** P95-100.

CORTE, Anelise C. Dalla & LEMKE Cibele K. **O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE FRENTE AOS NOVOS DESAFIOS DE ENSINAR.** In: EDUCERE, XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2015, Curitiba, PR. **Anais [2].** Curitiba: PUCPress - Editora Universitária Champagnat ,2015, 1-10.

NARDIN, Maria Helena de & SORDI Regina Orglar. **APRENDIZAGEM DA ATENÇÃO: UMA ABERTURA À INVENÇÃO.** Revista iberoamericana de educación. Rio Grande do Sul, Brasil, p.1-11, Nov-2008.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, RS, n. 42, p. 377-391, jul./dez., 2014

PIMENTA Selma Garrido; LIMA Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções.** Revista Poiesis -Volume 3, Números 3 e 4, p.5-24, 2005/2006.

RODRIGUERS, Neuza Ricardo. **REFLEXÃO CRÍTICA A PARTIR DE UM RELATO DE PRÁTICA,** In: ENDIPE, XVIII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 2016, Cuiabá, MT. **Anais [2].** Cuiabá, 2016, 1-12

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia.** 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. Coleção polemicas do nosso tempo, 2012, 90 pg.

SOUZA, Sonia M. C. **A inclusão escolar e suas implicações sociais**. In: Revista de Educação do Cogeime, ano II, nº 21 (dez/ 2002) p.9-16